

# O Poço do Visconde: conceitos de geologia, política e proatividade para crianças

*Jéssica Maciel de Andrade*  
*Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)*

## **Resumo:**

A ideia do presente artigo é apresentar, de forma breve, o contexto de ensino-aprendizagem no Sítio do Picapau Amarelo, mais precisamente na obra *O Poço do Visconde* (1937) de Monteiro Lobato. Primeiramente, falaremos brevemente sobre o envolvimento do autor com a questão do petróleo brasileiro no início do século XX, para então observarmos a transposição didática do tema para o imaginário infantil. Observaremos, principalmente, como a influência dos estudos críticos se dão na atmosfera do Sítio.

**Palavras-chave:** Literatura infanto-juvenil; Ensino-aprendizagem, Monteiro Lobato.

## **Abstract:**

The present article's idea is to show, in a brief way, the context of teaching and learning in Sítio do Picapau Amarelo, more precisely in the work *O Poço do Visconde* (1973) of Monteiro Lobato. First, we will talk briefly about the involvement of the author with the problem of Brazilian energy resources at the beginning of the twentieth century, and then we will observe the didactic transposition of the theme to the children's imaginary world. We will notice, mainly, how the influence of the critical studies happen in the "Sítio" atmosphere.

**Keywords:** Children and youth literature, Teaching and learning, Monteiro Lobato.

## Introdução

Em 1938, o governo federal decidiu explorar um poço no município de Lobato, na Bahia, e constatou a existência de petróleo. No ano seguinte, criou o Conselho Nacional do Petróleo, que seria a primeira iniciativa para regular e estruturar a exploração do minério. Até então, havia uma disputa entre empresários e ideais nacionalistas, divulgados pelo governo getulista, sobre a exploração petrolífera no país. Uma alteração de última hora no decreto-lei que instituiria o CNP passou a considerar patrimônio da União todas as jazidas de petróleo em solo brasileiro, inclusive as ainda não encontradas.

Leonardo Contesini. *A história de Monteiro Lobato e o petróleo brasileiro*

*Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto de petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia – mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão ‘Governo Brasileiro’...*

Monteiro Lobato

Numa dessas estranhas ironias do destino, o petróleo brasileiro foi descoberto, meio por acaso, num lugar chamado “Lobato”, depois da acirrada luta do escritor em defesa da exploração de jazidas em território nacional. José Bento Monteiro Lobato, que havia sido preso por defender a nacionalização do petróleo na década de 1930, concedeu uma entrevista à Rádio Record, uma década depois, onde reafirmava sua posição favorável à campanha “O Petróleo é Nosso!”, de ampla mobilização nacional, que conseguiu impedir a tramitação do Estatuto do Petróleo no Congresso, em 1948, elaborado segundo a política liberal do presidente Dutra, que defendia a abertura ao capital estrangeiro. Mais tarde, essa campanha contribuiu para o estabelecimento do monopólio estatal do petróleo e para a criação da Petrobrás. Quase setenta anos depois, a Petrobrás vive o pior momento de sua história, afundada num escândalo sem precedentes. Felizmente, o escritor não sobreviveu para testemunhar esse episódio lamentável envolvendo uma empresa cuja existência representaria, para ele, a realização de um sonho. Dois dias após aquela entrevista, ele teve um espasmo cerebral e morreu aos 66 anos de idade, depois de perder em seus projetos empresariais todo o dinheiro que havia ganho com seus livros.

Esta questão talvez seja a mais emblemática da peculiaridade e notabilidade do espírito visionário de Monteiro Lobato, e de seu papel como um verdadeiro – e desconhecido – avatar nacional. Com seu espírito inquieto e questionador, ele sempre mostrou sua preocupação com a formação humanística e com a capacidade crítica dos indivíduos. Em todas as suas obras, preocupa-se em explanar para o leitor sobre o mundo a sua volta, a fim de despertá-lo para uma visão mais crítica da realidade. Sua obra aponta para a necessidade de o cidadão brasileiro formar-se através do hábito de pensar autonomamente, de refletir, o que – na visão de Lobato – é decorrente, em grande parte, do hábito de ler e de estudar.

Nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, Lobato almejava criar livros nos quais “as crianças pudessem morar” (LOBATO, 1950, p. 293), livros pelos quais elas se interessassem intelectual e ludicamente, e assim o fez. Criou um universo único que despertou uma legião de leitores em uma época rica em debates sobre reformas educacionais. Suas narrativas, ao mesmo tempo em que divertiam, ensinavam as crianças a questionarem a realidade, incitavam o pensar crítico do público infantil.

Contudente, Lobato sempre buscou em seus livros adultos e infantis manter-se lúcido e verdadeiro em relação aos problemas do país, buscando sempre tocar o maior número de leitores nessas questões. Seus livros foram – e ainda são – fundamentais para compreender a realidade brasileira. Por suas ações, Lobato se insere no contexto do escritor engajado, no sentido que nos explica Sartre:

Eu diria que um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação. (SARTRE, 2004:62)

Como escritor crítico consciente, nas palavras de Reynaldo Alvarez:

Lobato teve sempre presente sua função de escritor para crianças sem cair no anedótico, no moralístico, no fastidioso, no temporal. Note-se que a obra de Lobato se projeta para além do tempo em que foi escrita. (ALVAREZ, 1982, p. 24)

O resultado de seu engajamento na literatura para crianças é uma obra composta de 17 livros que contam as histórias que acontecem no Sítio do Picapau Amarelo e reverberam

na imaginação de crianças e adultos até hoje. Desses 17 livros, escolhemos para esta análise, *O Poço do Visconde*. Publicado em 1937, *O Poço do Visconde* trata da revolução ocorrida no sítio e em seus arredores depois dos estudos de Geologia feitos pela turma. É notória a proatividade das crianças que, cientes das imensas demandas de geração de energia necessária ao desenvolvimento do país; e cientes, também, da existência de petróleo em território nacional – o que não se admitia à época de Lobato – resolveram elas mesmas realizar explorações no sítio. Aborrecido com as notícias de jornal, Pedrinho constata a ineficácia do governo brasileiro: “Bolas! Todos os dias os jornais falam em petróleo e nada do petróleo aparecer. Estou vendo que se nós aqui do sítio não resolvermos o problema, o Brasil ficará toda vida sem petróleo.” (LOBATO, 1972, p. 7-8).

A partir de então, o Visconde – que, nesse momento, torna-se o professor mais adequado, visto que já estudara um livro inteiro sobre Geologia – inicia os serões abertos a todos, adultos e crianças, sobre o assunto, em mais uma demonstração da grande escola inclusiva que é o Sítio. O livro aborda temas socioeconômicos do contexto brasileiro da época, focalizando principalmente a questão energética. Um país com as dimensões e a riqueza de recursos naturais como o Brasil não realizava investimentos concretos para a descoberta de jazidas de petróleo, e andava a passos lentos na geração de outras formas de energia. A questão do petróleo e do ferro já havia sido levantada por Lobato em diversos artigos de jornais, visto que ele mesmo perdera bastante tempo e dinheiro tentando explorar o petróleo em solo brasileiro, mas sempre sendo repreendido pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), o qual tinha o interesse em vender as terras petrolíferas brasileiras para os estrangeiros. Estes artigos foram responsáveis por sua prisão durante a ditadura de Getúlio Vargas. A compilação destes textos foi publicada um ano antes do livro *O Poço do Visconde*, em 1936, intitulada *O escândalo do petróleo e ferro*.

É importante frisar que nas aulas do Visconde existe uma partilha de conhecimentos entre as personagens. Dependendo do assunto ou do tema de que tratam as aulas, os detentores do conhecimento deste assunto específico – que talvez em outro momento não seriam os professores – , trocam ideias entre si, da maneira menos autoritária possível. O que mostra existir no sítio um verdadeiro desejo de aprender, e um sincero sentimento de partilha. Segundo Alvarez:

Apesar do liberalismo contido em muitas correntes pedagógicas amplamente discutidas nas décadas de vinte e de trinta, a escola nem sempre era risonha e franca. O que se passava no sítio de Dona Benta não poderia ser projetado como a imagem do ambiente escolar da época e ainda menos do que representava a vida das crianças nos lares de então, no que diz respeito ao relacionamento com pais e adultos em geral. (...) O caráter dialético das confrontações explode numa dinâmica marcada pelo humor e pela vivacidade das colocações em conflito. (ALVAREZ, 1982, p.10-11)

Estaria a pedagogia da época pronta para lidar com esse tipo de revolução? No *Poço do Visconde*, encontramos momentos onde a ironia lobatiana dá respostas à recepção externa e às avaliações pedagógicas negativas em vigor na época, que criticavam a petulância da boneca Emília, cujas falas descabidas assustavam os teóricos. Não eram raras as condenações dos livros do Sítio, considerados maus exemplos para as crianças e para a manutenção da ordem em sala de aula e na sociedade:

Dona Benta advertiu-a. – Emília, as professoras e os pedagogos vivem condenando seu modo de falar, que tanto estraga os livros do Lobato. – Dona Benta a senhora me perdoe, mas quem torto nasce tarde ou nunca se endireita. Nasci torta. E, portanto, ou falo como quero ou calo-me. Isso de falar como as professoras mandam, que fique para Narizinho. Pão pra mim é pão; besteira é besteira. (LOBATO, 1972, p. 46)

Emília comete o “erro” de ser uma criança natural; isto é, questiona, pergunta e é ainda desaforada em alguns momentos, pois não desenvolveu os mecanismos de controle e submissão, nem frequentou escolas onde se educam os comportamentos esquemáticos e a obediência cega à autoridade. Suas dúvidas, indignações e reações são espontâneas e legítimas, movidas pelo raciocínio, pela lógica e pelo bom-senso – ainda alheio ao “senso comum”.

É importante que se faça um adendo ao fato de este livro ter sido bastante criticado por tratar de temas que, segundo intelectuais da época, não eram para crianças. Seja pelo conhecimento científico a ser discutido, seja por incitar as crianças a perceberem coisas que adultos da época não percebiam ou fingiam não perceber, seja por tratar das questões políticas relacionadas à questão político-econômica da extração/produção e comercialização do petróleo no Brasil, Lobato nessa época já era criticado por não subestimar e não enganar as crianças acerca dos problemas importantes pelos quais o país passava. Para Krueel de Moraes, por exemplo:

os livros de Lobato predispunham a “doutrinas perigosas e práticas deformadoras do caráter”, chocando-se com o projeto do Estado Novo de formar uma juventude saudável e patriótica, unida em torno dos princípios da tradição cristã. (...) Se nas atividades petrolíferas há atentados contra a economia nacional, nas atividades literárias infantis há atentado contra a defesa nacional. (in: AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETA, 2000, p.171)

Se para os adultos da época um livro como esse seria considerado subversivo, para as crianças (e para os leitores exigentes e críticos de qualquer tempo), o livro é, sobretudo, honesto, coerente com o projeto lobatiano por um Brasil consciente, progressista e autônomo. Em mais uma viagem pelo mundo do sítio, as crianças mergulham no estudo da Geologia e são confrontadas com denúncias sobre o descaso do governo brasileiro em relação à exploração do petróleo no Brasil. Isto é, as autoridades impediam a exploração nacional, favorecendo o capital estrangeiro, que visava comprar e explorar as terras brasileiras.

## **Ciência, geologia e ecologia para crianças**

Para falarmos da educação no sítio há que se saber, primeiramente, que nele nenhum tipo de conhecimento é subestimado, ou tratado como inferior. Se conhecimento for, ele será respeitado e estudado com afinco pelas personagens. É comum também que haja uma interdisciplinaridade frequente. Visto que tudo é estudado por todos, n’*O Poço* o conhecimento adquire um sabor verdadeiro, torna-se uma alegria, uma conquista, e também uma tomada de consciência sobre uma realidade desejável, mas não acessível a todos: “– Que gostoso é saber, hein, Narizinho. – Nem me fale, Pedrinho. Cada vez tenho mais dó dos analfabetos. (LOBATO, 1972, p. 61)

Mesmo em se tratando de um assunto, teoricamente, difícil para crianças, o tema “geologia” é abordado de maneira prática e lúdica pelo professor Visconde: “Senhora Emília, explique-me o que é um hidrocarboneto. – São misturinhas de uma coisa chamada hidrogênio com outra coisa chamada carbono. Os carocinhos de um se ligam aos do outro e formam metanas e butanas (...)” (LOBATO, 1972, p. 25). O autor busca sempre atrelar os conceitos complexos ao universo das crianças, permitindo – o contrário do que ocorria nas salas de aula – que os questionamentos e levantamentos das crianças sejam discutidos e avaliados. Não há espaços para má-vontade na escola do sítio; os professores

sabem que a curiosidade da criança deve ser aguçada e não estancada. Os termos com que o Visconde descreve a erosão, por exemplo, são claramente revolucionários, e percebidos pelos ouvintes, personagens e leitores:

Neste ponto começou a dar-se um fenômeno muito interessante. A água, de tanto lidar com o Calor e o Ar, fez com eles um trato. “Está muito feia a terra, assim reduzida a uma rocha dura.” – disse a Água. “Precisamos combinar umas modificações que permitam o aparecimento da Vida. Quero ver a terra cheia de verdura e de bichos que andem, corram e se ataquem uns aos outros”. (...) Sempre por artes da Senhora Erosão. Na sua mania de corroer tudo, ela vai rebaixando o solo, afundando-o até que alcança o alto da capa impermeável e a ataca. (...) Como é democrática! – exclamou Narizinho. (LOBATO, 1972, p. 14-35)

Os conceitos geológicos, biológicos e químicos são descritos por Narizinho como conceitos políticos: pela noção de “democrático”, mostrando como todo o aprendizado adquirido de nada serve se não for alavancado pela consciência das massas sobre a pertença de seus bens e sobre a necessidade do uso dos recursos de seu território para o desenvolvimento de seu país. Lobato sabia, por experiência própria, o quanto encontrar petróleo no Brasil não era uma questão meramente científica, mas de direcionamento e vontade política. Por isso ele desejava esclarecer esses fatos aos futuros adultos brasileiros, que não receberiam tais informações na escola tradicional, nem nos meios de comunicação oficiais, como a imprensa. Seu livro foi considerado profundamente “subversivo” porque conscientizava os brasileiros desde a infância, capacitando-os a resistir aos avanços abusivos dos governantes e aos interesses de forças dominantes e hegemônicas externas ao país – o que poderia atrapalhar os planos desses grupos. Mas Lobato sabia que, embora um indivíduo possa ser aprisionado e silenciado, é muito mais difícil controlar um contingente de pessoas esclarecidas. Daí a necessidade de promover uma educação de qualidade, com bons conteúdos e sobretudo voltada para o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia do cidadão.

Depois de estudar os princípios básicos da geologia, as próprias crianças também aderem a um discurso ecológico, por compreenderem que, na natureza, tudo tem seu tempo e precisa deste para renovar os seus ciclos. Desde o início, portanto, a noção de exploração dos recursos energéticos, segundo Lobato, não deveria se dissociar da

consciência dos limites impostos pela natureza para a renovação desses mesmos recursos. Assim, muito antes que se falasse em ecologia no Brasil, ele já pregava o “desenvolvimento sustentável”. O conhecimento crítico – posto que as crianças refletem sobre tudo que aprendem – faz a diferença no modo como o texto incentiva a pesquisa e a extração de recursos naturais: voltadas não para um lucro indiscriminado, mas para o benefício da população, sem comprometer a saúde da terra.

As crianças do sítio sabem que os Estados Unidos possuem um grande poderio internacional graças ao controle do petróleo que exercem no mundo. Mas são instruídas a refletir sobre as implicações do capitalismo indiscriminado, que vê razões apenas no lucro das empresas, sem ligar para o retorno social e para o impacto ambiental de suas atividades. O despreparo das companhias energéticas brasileiras é condenado, mas o crescimento desarrazoado das companhias americanas, cujos procedimentos nem sempre atendem aos interesses da maioria da população e do planeta, já eram discutidos pelas crianças do sítio nos anos 1930:

Mas a culpa do petróleo acabar depressa vai caber aos americanos. Tiram petróleo demais; gastam-no demais. Quantos milhões de anos não levou a natureza para fabricar cada bilhão de barris que eles extraem anualmente? Nem tem conta. (LOBATO, 1972, p. 47)

Todo conhecimento no sítio é construído através do desenvolvimento de uma visão crítica e racional, que deve ser estimulada, incentivada e até mesmo treinada na infância. Desse modo, Lobato mostra que todo tipo de conhecimento pode e deve ser passado às crianças, desde que haja a transposição didática adequada, capaz de atender à sede de aprendizagem desta fase, capacitando os cidadãos corretamente para o atendimento de suas reais necessidades e para os desafios da vida adulta.

## **Crianças politizadas**

Em todos os livros infantis de Monteiro Lobato é comum observar as tentativas de pensar o cidadão brasileiro como um homem político desde a infância, através do despertar da criança leitora de livros, e através disso, do ser humano capacitado a uma

leitura da realidade. Lobato buscou desenvolver nas crianças, a partir da leitura, uma consciência crítica para que elas pudessem decidir o que é certo e o que é errado, sem aceitar o pensamento já formado de outras pessoas. Esse projeto de desenvolver uma cidadania efetiva a partir da criança leitora surge em Lobato pelo desestímulo com a sua própria geração. Ao observar os adultos de sua época, ele comenta: “De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar”. (LOBATO, 1950, p. 292-293). Repetimos, ampliada, a citação com a qual abrimos este artigo, cuja força significativa sinaliza o modo como Lobato concebe sua obra e ação como escritor para crianças.

Especificamente em *O Poço do Visconde* estamos diante de um ficcionista engajado, detentor de um projeto específico. Este talvez seja o livro mais político de Lobato para crianças, pela transposição que é feita, da maneira mais didática possível, do significado e da importância conferida ao homem/mulher independentes para o futuro do Brasil. Sua vivência com os problemas da nação não se restringiam à questão literária: adquiriram realidade e comprometeram efetivamente a sua vida. *O escândalo do petróleo e ferro* revela como o intelectual brasileiro era constrangido, coagido, silenciado e até mesmo preso por dizer a verdade. Mesmo com o seu projeto de uma educação politizada para crianças e toda a sua luta teórica e prática, vimos que o Brasil caminhou e caminha muito lentamente no sentido da promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, com uma educação acessível a todos e capaz de gerar uma população consciente e ativa. A opção pela infância significava – para além da possibilidade de dizer suas verdades, pois a literatura infantil era considerada “menor” e “inócua” – uma opção pelo futuro.

O sítio é um estado democrático, uma espécie de realidade utópica onde todos têm o direito de falar, de se expressar e de questionar. O que Lobato não conseguiu na realidade de seu tempo, ele transferiu para a ficção na aventura d’*O Poço*. As discussões políticas se iniciam logo no princípio das aulas de Visconde, pois as crianças de Lobato não são facilmente enganadas pelas artimanhas do poder. Quando o Visconde fala sobre o Golfo do México e da Califórnia, Pedrinho questiona: “Por que todos os outros países que possuem aterro estão explorando e ganhando com o petróleo, e o Brasil não? – E aqui no Brasil? Não teremos algum aterro assim? – Como não? Há, por exemplo, o Pantanal de Mato Grosso,

um dos maiores aterros que o mundo conhece.” (LOBATO, 1972, p.24). Noutro momento, Emília questiona sobre as companhias supostamente *brasileiras* de petróleo:

– E por que o Brasil também não produz milhões e milhões de barris? Será que não existe petróleo aqui? – Não existem perfurações, isso sim. (...) Quando um povo embirra em não arregalar os olhos não há quem o faça ver. (LOBATO, 1972, p. 38-39)

Após o estudo geológico, as crianças compreendem que o Brasil possui um solo perfeitamente adequado para a exploração de jazidas e já desconfiam das intenções das companhias petrolíferas. Desconfiança que é legitimada pelo Visconde quando explica que não é interessante para as companhias estrangeiras – que controlam as nacionais – que o país explore petróleo. E a boneca ainda completa: “— Pudera! — gritou Emília. — Num país onde até os ministros não pensam em petróleo, ou quando falam nele é para negar, só mesmo dando a palavra a um sabugo.” (LOBATO, 1972, p.45). Mais uma “alfinetada” do senhor Lobato pela boca de uma boneca de pano que julga melhor a realidade do que os homens do governo.

A ineficiência das governanças brasileiras é constantemente alvo das discussões neste livro. Para Lobato, somente a realidade dos brasileiros, destituída de condições mínimas de sobrevivência, e minada pela inexistência de uma educação verdadeira, explicaria este estado de coisas, esta subserviência do povo aos poderes locais e estrangeiros. Enquanto não possuir condições para sobreviver, o cidadão brasileiro não poderá desenvolver-se nem atingir um estágio de independência e autossuficiência, restando-lhe a opção de servir como subalterno ao sistema. Sem investimentos reais na saúde, na educação, na moradia e no transporte, o cidadão não poderá se desenvolver em plenitude. Segundo o Visconde, a exploração do petróleo nacional aumentaria infinitamente as condições de riqueza do país, promovendo não só uma autonomia energética importante para todos os setores produtivos no campo e na cidade, como também poderia angariar recursos com exportações. A disponibilização do petróleo nacional levaria a um maior desenvolvimento tecnológico, à acessibilidade às máquinas, e conseqüentemente ao progresso da nação.

Outro ponto bastante explorado no livro é a especulação sobre os possíveis investimentos resultantes da riqueza advinda da exploração do petróleo. Dona Benta e as

crianças já têm consciência de que grande parte da população brasileira vive em estado de miséria. O conhecimento desta dura realidade não é negado às crianças do sítio; pelo contrário, elas sabem que ocupam uma situação socialmente privilegiada, e por isso decidem desenvolver a região em que vivem, construindo escolas de qualidade, criando oficinas de trabalhos técnicos e prevendo futuras universidades. Discutem ainda sobre como investir na saúde, com a implementação de hospitais. As crianças simulam discussões sérias, de um governo justo, que pensa no desenvolvimento do seu povo:

Isto é, iremos construindo estradas de rodagem de verdade. E também poderemos criar umas boas escolas profissionais para esta caboclada bronca – propôs Narizinho. – E também organizaremos umas casas-de-saúde bem modernas, com os melhores médicos e todas as comodidades, como os hospitais americanos que a senhora contou outro dia. – E construiremos para eles casas decentes, com higiene e coisas modernas, que lhes sejam vendidas a prestações bem baixinhas. E eu acho que devemos criar casas de ciências para o aproveitamento dos meninos que mostrarem vocação para os altos estudos. (LOBATO, 1972, p.144-145)

Vemos aqui a partilha do conhecimento, e o desenvolvimento da cidade em todas as suas áreas. Lobato mostra que os “lucros”, no sítio, não ficariam apenas para os seus moradores, mas que fariam parte de projetos de desenvolvimento para o bem comunitário, atingindo a todos. Seu discurso se configura como uma crítica ao capitalismo irresponsável: Lobato oferece à criança leitora a ideia de que o desenvolvimento de uma sociedade só é efetivo quando se faz de forma equitativa. Descredibiliza a ideia de ambição e do acúmulo individual, e aponta para o crescimento pelo bem comum.

## **Crianças proativas, imaginativas e criativas**

Assim como o homem Lobato, as crianças do sítio são ávidas por conhecimento. Isto é bem certo; porém, como seu autor, elas não concebem ter o conhecimento e não poder aplicá-lo na prática. Também não concebem não ter o conhecimento e não buscá-lo. Os personagens lobatianos são inquietos: imaginem, inventam, criam, aplicam os conhecimentos adquiridos na vida “real”, buscando melhorar a qualidade de vida de todos.

É Pedrinho quem leva o sítio para o mundo do petróleo: seja organizando as aulas

com o Visconde, seja estimulando o Visconde a dar lições ao ar livre para que o petróleo possa, de fato, começar a ser explorado. Mas Pedrinho não se conforma em discutir o assunto. Como Lobato, ele precisa passar à prática, pondo em votação a ideia de avançar pragmaticamente em direção a um sonho. O expediente também funciona para não perder a atenção dos pequenos leitores, dosando as informações com as aventuras:

- Sim – disse ele – porque nesta toadinha do Visconde ficamos toda a vida a estudar coisas dos livros e nada de perfuração. Nosso Visconde é livresco demais. Temos que declarar greve. Topam? – Topamos – concordaram as duas, também já cansadas de ciência teórica. Pedrinho voltou-se para o sábio e disse: - Feche o livro, Visconde. Resolvemos dar começo ao poço já, já, já. O Visconde fez cara feia. – Mas como pode haver poço sem ciência, menino? Que bobagem é essa? – Bobagem ou não, queremos começar o poço imediatamente. Está decidido por maioria de votos – três contra um. – Mas se nem acabamos de fazer o estudo geológico do terreno! Depois dele ainda temos de fazer o estudo geofísico, homessa! – Faz de conta que já estão feitos – berrou Emília. – Faz de conta que foram feitos por uns sábios da Alemanha que mandamos vir, não acha, Pedrinho? (LOBATO, 1972, p.70).

O faz de conta é aplicado também, mais adiante, por Emília, que fica responsável pela acomodação dos homens que trabalharão na exploração do petróleo no sítio. Emília, que afirma já ter tudo arranjado, faz questão de dar aos trabalhadores aquilo que bem merecem, mostrando que as condições de trabalho afetam e muito o desempenho do trabalhador e introduzindo questões de direitos trabalhistas para os pequenos leitores:

- Demais, não! – protestou ela. – Quanto melhor acomodarmos nossos homens, melhor eles trabalham. Não concordo com o sistema de tratar os operários como se fossem pedras insensíveis. As casinhas têm tudo dentro – até geladeira e rádio. (LOBATO, 1972, p.72)

E finalmente o petróleo aparece, mas ainda há quem duvide:

– Minha senhora – disse ele – circulam boatos de que foi aberto aqui em suas terras um poço de petróleo. Mas ninguém lá fora acredita nisso; primeiro, porque está oficialmente assentado que o Brasil não tem petróleo; segundo, *porque o petróleo surgiu justamente aqui no seu sítio, que tem fama de maluco*; terceiro, porque a comunicação aos jornais foi feita por um senhor Encerrabodes que ninguém nunca viu mais gordo. (LOBATO, 1972, p. 114)

Dona Benta explica o mérito das crianças, que “se meteram a estudar geologia” e tomaram a iniciativa de explorar o petróleo brasileiro, sendo bem-sucedidas. Dona Benta explicita ainda que aquilo que é referente ao petróleo (comprovações, perguntas, “banhos de petróleo”) deve ser tratado com os netos, visto que eles foram os responsáveis pela exploração e descoberta do petróleo brasileiro.

## **Considerações finais**

Com ideias muito avançadas sobre educação, as quais, em muitos aspectos, destoavam do lugar-comum de seu tempo (antecipando temas como interdisciplinaridade, políticas públicas e desenvolvimento sustentável), Lobato se preocupava profundamente com os rumos do país. Fazia críticas ferrenhas ao “jeitinho brasileiro” e denunciava essas questões em suas obras infantis; visto que, para ele, era necessário abrir os olhos da sociedade para o desenvolvimento da sua criticidade. Qual o lugar melhor para começar essa revolução do que o pensamento das crianças, agentes do futuro? Nunca subestimando a infância, e jamais banalizando a literatura infantil, Lobato cria um sítio utópico, um lugar onde as pessoas podem aprender e atuar livremente. Só uma literatura libertária como essa seria capaz de estimular o pensamento político-crítico dos futuros cidadãos, solapados por governos incapazes e corruptos. É inegável a atualidade da obra de Monteiro Lobato na realidade brasileira do século XXI. Lobato atenta para uma revolução do pensamento que precisa continuar a ser feita, para que o povo não se escravize ao pensamento alheio e possa modificar sua realidade para melhor. Sua obra deve, portanto, continuar a ser lida pelas crianças de hoje, através de um olhar livre de preconceitos.

## Referências

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETA, Vladimir. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

CECCANTINI, João Luís, LAJOLO, Marisa (orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro – Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2008

CONTESINI, Leonardo. *A história de Monteiro Lobato e o petróleo brasileiro*. Disponível em: <http://www.flatout.com.br/historia-de-monteiro-lobato-e-o-petroleo-brasileiro/>

LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro – Obra adulta*. São Paulo: UNESP, 2014.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950.  
\_\_\_\_\_. *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1957.  
\_\_\_\_\_. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004.